



PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTIDADES MASCULINAS: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS

Myllena Oliveira Portela¹
George Moraes de Luiz²

Eixo do trabalho: (X) Pesquisa concluída ou em andamento; () Projeto de extensão concluído ou em andamento; () Relato de experiência.

Resumo

Este estudo explora o papel da linguagem na construção e transformação das identidades masculinas, focando no caráter polissêmico e não-regular da linguagem refletido nas práticas discursivas. A relevância desta análise fundamenta-se no papel da linguagem como instrumento de transmissão, reforço e, potencialmente, de transformação das normas de gênero. A pesquisa objetiva analisar como a linguagem em uso influencia a produção e manutenção das identidades masculinas, transitando entre repertórios tradicionais e interpretações contemporâneas e identificar práticas linguísticas que promovam a pluralidade de expressões masculinas. A metodologia baseia-se em uma revisão crítica da literatura, utilizando conceitos de autores como Spink, Louro, Connell, Scott e Butler. Os resultados indicam que a linguagem é crucial na construção e reprodução das identidades masculinas, com práticas discursivas tanto reforçando quanto desafiando concepções tradicionais. Observa-se uma tendência de transformação em alguns dos estereótipos de gênero, embora padrões tradicionais persistam. Conclui-se que a educação e a comunicação são essenciais para promover modelos de masculinidade mais equitativos, destacando a necessidade de práticas linguísticas que explorem a pluralidade de expressões masculinas. Este estudo contribui para a compreensão das dinâmicas de gênero e oferece insights para intervenções educacionais e sociais visando a promoção de identidades masculinas mais diversas e inclusivas.

Palavras-chave: Linguagem, Identidades, Masculinidades, Práticas discursivas, Gênero.

¹Programa de Pós-Graduação em Educação /Ciências Humanas/ Universidade Federal de Rondonópolis;
myllena.portela@aluno.ufr.edu.br.

²Programa de Pós-Graduação em Educação /Ciências Humanas/ Universidade Federal de Rondonópolis;
george@ufr.edu.br.

INTRODUÇÃO

A linguagem, para além de uma ferramenta de descrição do mundo e de comunicação, constitui-se como uma prática social fundamental para a organização e produção de sentidos no cotidiano. Este estudo aborda a influência da linguagem na construção e transformação das identidades masculinas, um tema de crescente relevância nos campos da psicologia, educação e estudos de gênero. A pesquisa foca no caráter polissêmico e não-regular da linguagem, refletido no conceito de práticas discursivas, que são momentos ativos de “ressignificações, de rupturas, de produção de sentido” (Spink; Medrado, 2013, p. 26).

O interesse nesta temática surge da compreensão de que as identidades de gênero, especificamente as masculinas, são construídas e negociadas através de processos discursivos que refletem e moldam as normas sociais. A relevância desta análise fundamenta-se no papel da linguagem como instrumento de transmissão, reforço e, potencialmente, de transformação das normas de gênero.

O objetivo principal desta pesquisa é explorar a dimensão da linguagem em uso na produção e construção das identidades masculinas. Especificamente, busca-se: a) Analisar como os discursos sociais moldam as expectativas e normas associadas ao ser-homem; b) Examinar as transições nas representações de masculinidade resultantes das transformações discursivas; c) Identificar práticas linguísticas que promovam a pluralidade de expressões masculinas.

A metodologia adotada consiste em uma análise teórica aprofundada, baseada na revisão crítica da literatura pertinente aos temas de linguagem, gênero e masculinidades. Utilizam-se principalmente os conceitos de linguagem em uso e práticas discursivas de Spink (2013), as noções de construcionismo, educação e gênero de Louro (1997; 2007), os estudos sobre masculinidades de Connell (2013) e Scott (1989), e as perspectivas sobre identidade de Butler (2018).

Desenvolvimento

Linguagem e Práticas Discursivas na Construção de Identidades

A análise de práticas discursivas integra o estudo da dimensão performática presente no uso da linguagem, produzindo um jogo de posicionamentos proveniente

dos repertórios interpretativos disponíveis. Estes repertórios correspondem às possibilidades de construções discursivas que têm como parâmetros os gêneros do discurso, os estilos gramaticais específicos e, sobretudo, o contexto em que as práticas são produzidas.

Louro (1997) destaca que a linguagem é o campo mais eficaz para assegurar a perpetuação das distinções de gênero, não apenas pela demarcação de lugares, mas pelas escolhas linguísticas que compõem os conceitos de feminilidade e masculinidade. Segundo a autora: “A linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” (Louro, 1997, p. 65).

Nesta perspectiva, a linguagem não é apenas um reflexo das relações de gênero existentes, mas um instrumento ativo na construção e manutenção dessas relações. As práticas discursivas, portanto, têm o poder de reforçar estereótipos de gênero ou de desafiá-los, abrindo espaço para novas interpretações e possibilidades de ser.

Construção das Identidades Masculinas através da Linguagem

Connell (2013) salienta a dimensão construcionista dos papéis de gênero, afirmando que são mediados por uma lógica de poder e não contemplam as masculinidades existentes em um mesmo contexto de prática social. As identidades masculinas são produzidas a partir de processos dinâmicos que envolvem interações em níveis macro e micro, todos atravessados pela linguagem.

A masculinidade, se se pode definir brevemente, é ao mesmo tempo a posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais os homens e mulheres se comprometem com essa posição de gênero, e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura. (CONNELL, 1995, p. 71)

Esta definição enfatiza o caráter relacional e prático da masculinidade, destacando como as práticas discursivas e sociais moldam não apenas as percepções, mas também as experiências vividas dos indivíduos. Butler (2018) questiona como as práticas reguladoras de formação e divisão do gênero constituem a identidade e a coerência interna do sujeito. A autora argumenta que:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2018, p. 69)

Nesta perspectiva, as práticas discursivas têm a produção de identidades como efeito, através da gramática substantiva do gênero que constitui um sistema binário que mascara o discurso hegemônico do masculino. A linguagem, assim, é tida como difusamente masculinista, contribuindo para a manutenção de estruturas de poder baseadas no gênero.

Transformações nas Representações de Masculinidade

Apesar da força das estruturas discursivas hegemônicas, identidades masculinas alternativas têm desafiado os padrões tradicionais de comportamento masculino. Estas novas expressões de masculinidade são frequentemente permeadas por noções de vulnerabilidade, cuidado, parentalidade e afetividade, representando uma parte significativa de homens cujas identidades se afastam da norma hegemônica.

Estudos recentes, como os de Castillo-Mayén e Montes-Berges (2014), indicam a perda da vigência de alguns estereótipos de gênero tradicionais na atualidade. Os autores observaram que certos adjetivos, antes fortemente associados a um gênero específico, agora são percebidos como neutros. Por exemplo: "Características como 'docilidade, complacência, atividade e independência' não foram, dentro do contexto investigado, atribuídas a nenhum gênero específico" (Castillo-Mayén; Montes-Berges, 2014, p. 1052, tradução nossa).

No entanto, outros estudos, como o de González-Gijón et al. (2024), apontam a permanência de ideais associados aos papéis e performatividades de gênero, que são mais internalizados e exercidos pelos homens. Isso sugere que, embora haja uma tendência de transformação, os padrões tradicionais de masculinidade ainda exercem uma influência significativa.

O Papel da Educação e da Comunicação na Transformação das Identidades Masculinas

Diante desse cenário de mudanças e persistências, a educação e a comunicação emergem como ferramentas essenciais para promover modelos de masculinidade mais equitativos e diversos. Louro (2007) argumenta que: “A escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a crítica e o questionamento dos modos de se pensar, de se comportar, de se relacionar” (Louro, 2007, p. 203).

Neste sentido, as instituições educacionais têm um papel crucial na desconstrução de estereótipos de gênero e na promoção de práticas discursivas mais inclusivas. Isso pode ser alcançado através de currículos que abordem criticamente as questões de gênero, formação de professores sensíveis a essas questões e criação de espaços de diálogo onde diferentes expressões de masculinidade possam ser exploradas e validadas.

Da mesma forma, os meios de comunicação têm um papel fundamental na disseminação de representações mais diversas de masculinidade. A mídia, ao apresentar modelos alternativos de ser-homem, pode contribuir para a expansão dos repertórios interpretativos disponíveis na sociedade, facilitando a aceitação de expressões mais plurais de masculinidade.

Considerações Finais

A análise realizada evidencia a centralidade da linguagem na construção e manutenção das identidades masculinas, operando como ferramenta tanto de manutenção quanto de transgressão das normas de gênero. Destaca-se a necessidade de promover práticas linguísticas que explorem a pluralidade de expressões masculinas, propiciando a produção de sentidos alternativos ao ser homem.

As implicações práticas deste estudo são significativas, especialmente nos campos da educação e da comunicação. Educadores, psicólogos e profissionais de mídia podem utilizar esses insights para desenvolver abordagens mais inclusivas na discussão sobre masculinidades, promovendo modelos mais equitativos e diversos.

Para pesquisas futuras, recomenda-se explorar o papel da linguagem na construção de masculinidades em contextos culturais específicos, utilizando métodos



qualitativos como entrevistas e análise de discurso em ambientes reais. Isso permitirá uma compreensão mais profunda das dinâmicas locais e das possibilidades de intervenção para promover identidades masculinas mais saudáveis e inclusivas.

Além disso, é fundamental investigar como as novas tecnologias e plataformas de mídia social estão influenciando a construção e expressão das identidades masculinas. Essas plataformas oferecem novos espaços discursivos que podem tanto reforçar quanto desafiar as concepções tradicionais de masculinidade.

Por fim, este estudo ressalta a importância de uma abordagem interdisciplinar na compreensão e abordagem das questões de gênero. A interseção entre linguística, psicologia, sociologia e estudos culturais oferece um terreno fértil para o desenvolvimento de estratégias eficazes para promover relações de gênero mais equitativas e identidades masculinas mais diversas e inclusivas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTILLO-MAYÉN, R.; MONTES-BERGES, B. Análisis de los estereotipos de género actuales. **Anales de Psicología**, v. 30, n. 3, p. 1044–1060, 2014.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

GONZÁLEZ-GIJÓN, G. et al. Los estereotipos de género en adolescentes: análisis en un contexto multicultural. **Revista Colombiana de Educación**, n. 90, p. 164–184, 2024.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, n. 46, p. 201-218, 2007.

SCOTT, J. W. Gender: a useful category of historical analysis. In: _____. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1989. p. 28-50.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano. In: SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 22-41.